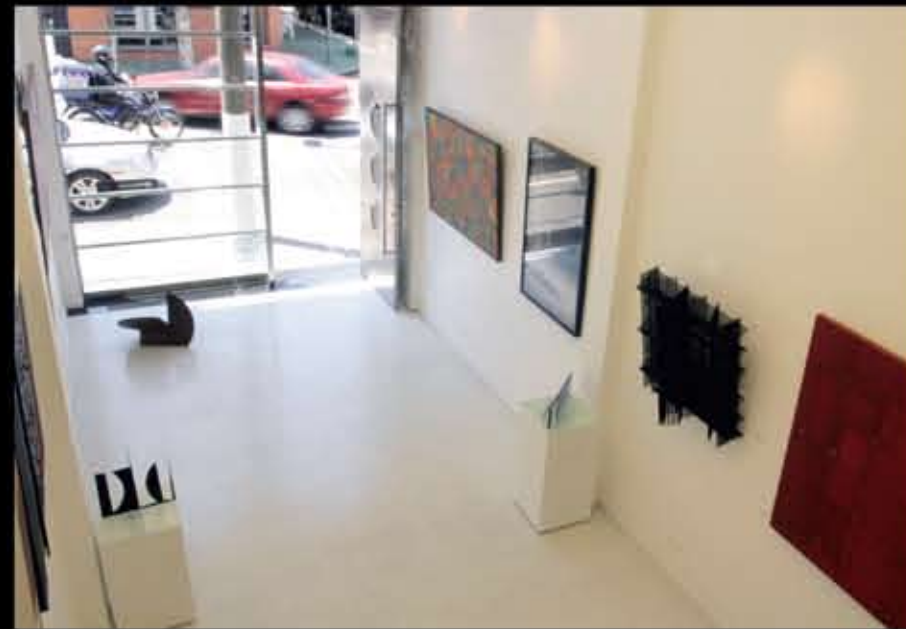
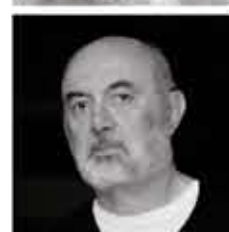


# cores Nomes

Vernissage: 30 de novembro de 2010  
terça-feira, 19 horas  
Com a presença dos artistas

Exposição: 1º a 15 de dezembro  
das 10 às 19 horas  
Aceitamos reservas antecipadas

Mizrahi Galeria  
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1326  
(11) 2339.3506 3222.8695  
São Paulo  
galeria@espacoarte.com.br  
www.espacoarte.com.br



**MIZRAHIGALERIA**

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1326  
(11) 2339.3506 3222.8695 - São Paulo  
galeria@espacoarte.com.br  
www.espacoarte.com.br

# cores Nomes

AGUILAR

ÁQUILA

BABINSKI

CABRAL

GRANATO

PETICOV

TOZZI

## Pintura Sempre Viva em Cores e Nomes

Olívio Tavares de Araújo

Devemos o título desta exposição a um CD de Caetano Veloso. Veio-me à memória no instante mesmo em que pela primeira vez vi as obras aqui expostas. São interligadas por um muito intenso prazer de pintar, dentro do qual o colorido é (com a exceção da pintura de Cabral, onde predominam a pincelada, o gesto, e a tinta, a matéria) o componente principal. Ao mesmo tempo, destacavam-se de imediato os nomes dos autores, todos representativos de um momento, todos amigos entre si, hoje em dia, igualmente maduros e ilustres.

Aliás Caetano também é da mesma geração. Tirando o brasileiro-polonês Babinski (dez anos mais velho), nossos expositores nasceram na década de 1940 e se firmaram na de 70. Mas Babinski não está deslocado, porque em seus primeiros vinte anos de Brasil destacou-se como excelente gravador, com uma linguagem fantástica vinda da tradição centro-europeia. Enquanto pintor, ele também emerge nos anos 70, e é justamente a retomada da pintura que caracteriza os artistas aqui reunidos.

A busca quase compulsiva pelo 'novo' fez com que, ao longo do século XX, estilos, linguagens e técnicas fossem-se alternando a intervalos cada vez mais curtos. No Brasil, os anos 1950 viram o triunfo das abstrações, primeiro a geométrica, depois a lírica (ou informal), ambas sob o impulso da Bienal de São Paulo, que trazia para cá exemplos internacionais. Nos anos 60, ainda sob influências externas (a *pop art* norte americana e a *nouvelle figuration* europeia), a figuração se reimpõe. Na década de 70, amplia-se o recurso a suportes não convencionais, como o objeto e as instalações, e assumem-se linguagens mais radicais, como a *minimal art* e a arte conceitual – que, esta, dispensava até a produção de um objeto artístico tangível.

Contudo, tais vanguardas dos anos 70 não satisfaziam a artistas como Aguilar, Áquila, Babinski, Cabral, Granato, Peticov e Tozzi, todos marcados pela necessidade do ofício, pela vontade de se expressar através de um *fazer* e não só de um *pensar*. Não ouviram, pois, os cantos de sereias das modas e foram dos primeiros a reeleger a pintura sobre como suporte de seu trabalho. Em 1984, a exposição *Como Vai Você, Geração 80?*, na Escola do Parque Lage, no Rio, mostrou que a grande maioria dos artistas jovens a tinham adotado, igualmente. Em 1985, a 18ª Bienal de São Paulo (na polêmica sala *A Grande Tela*) comprovou que era um movimento internacional.

À luz dessa mini-leitura histórica, evidencia-se que nos encontramos diante de pioneiros que, na década de 1970, estavam dando cara a um segmento importante de nossa arte. (Por exemplo, a presença de Luiz Áquila como professor do Parque Lage teve ação direta na conformação da Geração 80). Embora as obras aqui apresentadas sejam mais recentes e reflitam mudanças havidas em trinta e tantos anos, conservam o essencial das intenções e do estilo de cada um, e lhes reafirmam o significado. Sem dúvida, existe uma gama de individualidades diferentes, e a expressividade urgente de Aguilar, Cabral, Granato e Babinski é o oposto do universo organizado e geométrico de Tozzi e Peticov, e das formas e gestos de Áquila, líricos mas controlados. Tais diversidades são, porém, harmonizadas pelo amor comum e intenso à pintura (que a presença de um ou outro objeto não altera).

De vez em quando, fala-se em morte da arte ou de alguma de suas técnicas. Pura bobagem. Há, sim, mudanças de gosto, idas e vindas, ciclos transitórios. Mas o que é perene é perene – e a mult milenar pintura continuará sempre viva e moderna.



JOSÉ ROBERTO AGUILAR  
FLOR QUÂNTICA  
AST - 130 X 140 cm  
2006 - A.C.I.D.



ANTONIO PETICOV  
MOSAICOS  
AST - 160 X 180 cm  
2009 - A.V.

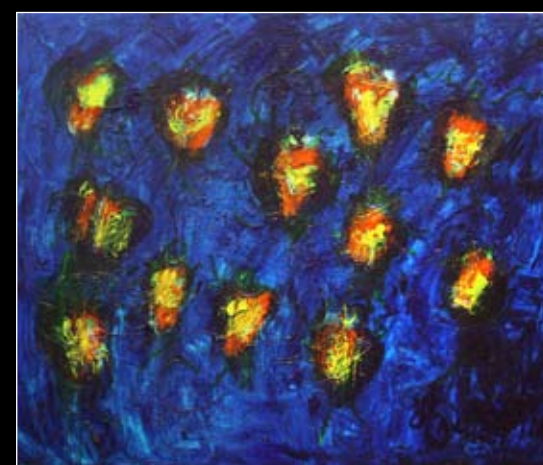


LUIZ AQUILA  
A PINTURA E O  
MUNDO  
AST - 90 X 180 cm  
2007 - A.C.I.D.



CLÁUDIO TOZZI  
TOTEM  
ASTSM - 155 X 40 cm  
2000 - A.C.I.

JOSÉ ROBERTO AGUILAR  
CORACÕES  
AST - 150 X 176 cm  
2010 - A.C.I.D.



MACIEJ ANTONI BABINSKI  
SEM TÍTULO  
OST - 82 X 126 cm  
S.D. - A.C.S.E.



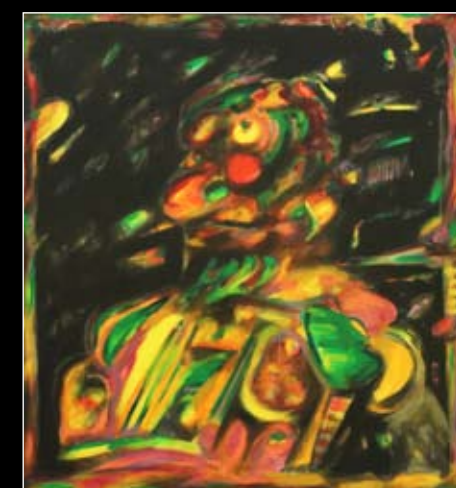
LUIZ AQUILA  
PIN C.  
AST - 60 X 180 cm  
2010 - A.C.I.D.



ANTÔNIO HÉLIO CABRAL  
PINTURA 09  
OST - 100 X 70 cm  
2007 - A.V.



JOSÉ ROBERTO AGUILAR  
ANJO URIEL  
AST - 162 X 157 cm  
2009 - A.C.I.D.



IVALD GRANATO  
AFTER ARCIMBOLDO - 1560  
AST - 100 x 90 cm - 2007 - A.V.



LUIZ AQUILA  
A PINTURA E AS  
VOLTAS COM A  
PINTURA  
AST - 80 X 130 cm  
2008 - A.C.I.D.



CLÁUDIO TOZZI  
GEOMÉTRICO  
TMST - 140 X 140 cm  
1990-10 - A.C.I.D.